

O ASA-NEGRA¹

Artur Azevedo



I

[1]² Quando, em 185..., poucos momentos antes de nascer Raimundo, sua mãe curtia as dores do parto e curvava-se instintivamente, agarrando-se aos móveis e às paredes, mandaram chamar a toda pressa a única parteira que naquele tempo havia na pequena cidade de Alcântara.

A *comadre* prodigalizava, naquele momento, os seus cuidados e a sua ciência hipotética à mãe de Aureliano, que era mais rica.

Só algumas horas mais tarde pôde acudir ao chamado.

A mãe sucumbira à eclampsia; o filho, esse salvara-se por um milagre que ficou até hoje gravado na tradição obstétrica de Alcântara.

O pobre órfão devia sofrer, enquanto vivesse, as terríveis consequências não só da inépcia das mulheres leigas que assistiram à sua mãe, como do falecimento desta.

¹ AZEVEDO, Artur. O Asa-Negra. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, ano V, n. 114, p. 1, 16 maio 1884.

² Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas da referência.

Era aleijado, entanguecido, e tinha a cabeça singularmente achatada nas cavidades frontais, pela pressão grosseira de dedos imperitos.

Um menino feio, muito feio.

II

Quando Raimundo entrou para a escola, já lá encontrou Aureliano, um rapazito lindo, vigoroso e rubicundo; mas uma antipatia invencível afastou-o logo desse causador involuntário dos infortúnios que lhe embalaram o berço.

Aureliano, que era de um natural orgulhoso, não perdia ensejo de vingar-se da antipatia do outro. Não houve diabrura de que o não acusasse falsamente; e como Raimundo não era estimado, naturalmente por ser feio, não encontrava defesa, e estendia resignado a mão pequenina às palmatoadas estúpidas do mestre-escola. Isto acontecia diariamente.

O mestre, afinal de contas, cansado de castigá-lo em pura perda, pois que as acusações continuaram da parte de Aureliano, expulsou-o da escola. E como não houvesse outra em Alcântara, o bode expiatório cresceu à bruta, desamparado pela instrução, não tendo achado no mundo espírito compadecido que lhe levasse um raio de luz à treva da inteligência medíocre.

III

Mais tarde meteram-no a bordo de um barco, e mandaram-no para a capital, consignado a uma casa de comércio.

Aí encontrou Raimundo um protetor desinteressado, que lhe mandou ensinar primeiras letras e rudimentos de escrituração mercantil. A prática faria o resto.

Dentro em algum tempo, o menino, que já então contava dezesseis anos, deveria entrar, como ajudante de guarda-livros, para certo escritório de comissões.

Mas oito dias antes daquele em que devia tomar conta do emprego, morreu-lhe nos braços o protetor querido.

Entretanto, Raimundo apresentou-se, no dia aprazado, em casa de seu futuro patrão.

— Cá estou eu.

— Quem é você?

— O ajudante de guarda-livros de quem lhe falou o defunto sr. F.

— Ah! sim... lembra-me... mas o meu amiguinho chore na cama, que é lugar quente: o serviço não podia esperar, e eu tive que admitir outra pessoa.

E apontou para um rapaz que, sentado, em mangas de camisa, a uma carteira elevada, parecia absorvido pelo trabalho de escrita.

— Ah! — murmurou despeitado o infeliz alcantareense.

O outro levantou os olhos, e Raimundo reconheceu-o então: era Aureliano, que tinha os lábios arqueados por um sorriso verdadeiramente satânico.

IV

Passaram-se alguns meses, durante os quais Raimundo passeou a sua penúria pelas ruas de São Luís. Andava maltrapilho, e quase descalço.

Arranjou, afinal, um modesto emprego braçal em uma agência de leilões. Só quatro anos mais tarde julgou prudente trocá-lo por um lugar de condutor de bonde.

Durante todo esse tempo, Aureliano, o seu *asa-negra*, moveu-lhe a guerra possível.

Diariamente chegavam-lhe ao ouvido os impropérios gratuitos e as pequeninas intrigas do seu patrício.

Raimundo estava convencido de que Aureliano, rapaz simpático e geralmente estimado na sociedade em que ambos viviam, nascera, no mesmo momento em que ele, como um estorvo proposital ao mecanismo de sua subsistência modesta.

V

Foi no seu bonde que Raimundo viu pela primeira vez os olhos negros e inquietos de Leopoldina.

Não se descreve a paixão que lhe inspirou essa morena formosa, cujos contornos opulentos causariam inveja às louras napeias de Rubens. A rapariga tinha nos olhos a altivez selvagem e na curva dos lábios a volúpia ingênita das mamelucas. O seu cabelo grosso, abundante e negro, prendia-se, enrolado no descuido primitivo das velhas estátuas gregas, deixando ver um cachão, que estava a pedir não os beijos impotentes de um Raimundo anêmico e doentio, porém as rijas dentadas de grandes ciclopes sensuais.

VI

Pois Raimundo, que não era precisamente um Polifemo, um belo dia conduziu ao altar a mameluca bonita.

Até o momento dos esponsais, o pobre diabo esteve vê não vê o momento em que Aureliano surgia inopinadamente de trás do altar-mor, para arrebatá-la e casar com ela.

Infelizmente assim não sucedeu.



Nos primeiros tempos de casado tudo correu às mil maravilhas; mas pouco a pouco a sua insuficiência foi se tornando flagrante. O seu organismo fazia prodígios para corresponder às exigências da esposa, cuja natureza não lhe indagava das forças.

As mulheres ardentes e mal-educadas, como Leopoldina, quando lhes faltam os maridos com a dosimetria do amor, confundem a miséria do sangue com a pobreza da casa. Questão de disfarçar sentimentos, e de aplicar o abstrato ao concreto. Leopoldina, que até então se contentara com a *aurea mediocritas* relativa do condutor de bonde, começou um dia a manifestar apetites de luxo, a sonhar farandolagens e modas.

Desse dia em diante tornou-se um inferno a existência doméstica de Raimundo. Ano e meio depois de casado, ele evitava a convivência da esposa, jantava com os amigos, e só aparecia em casa para pedir ao sono forças para o trabalho do dia seguinte.

VII

Mas um dia em que se viu forçado a ir à casa em hora desacostumada, surpreendeu Leopoldina nos braços de Aureliano.

Excitado pelo desespero, cresceu para eles frenético, espumante; mas os quatro braços infames desentrelaçaram-se de criminosas delícias, e repeliram-no vigorosamente.

O pobre marido rolou sobre os calcanhares, e caiu de chapa, estatelado e sem sentidos.

Quando voltou a si, tanto Aureliano como Leopoldina haviam desaparecido.

Raimundo não derramou uma lágrima, e voltou cabisbaixo para o trabalho.

Ao chegar à estação dos bondes, o chefe de serviço repreendeu-o, fazendo-lhe ver que a sua falta havia se tornado sensível. Despedi-lo-ia, se não fosse empregado antigo, que tão boas provas dera até então de si.

O alcantarense ergueu a cabeça. Os olhos desvairados saltavam-lhe das órbitas e tinham lampejos estranhos.

— Desculpe — disse ele. — Quem me demorou foi a Virgem Maria, que encontrei, montada num burro, na rua do Passeio.

VIII

Daí a uma semana, o pobre idiota, requisitado por um tio, derradeiro destroço de toda a sua família, embarcou para Alcântara.

Pouco tempo durou. Iludindo a vigilância do parente, saiu de casa uma noite e foi atirar-se ao mar. Afogou consigo as suas desgraças nas águas da formosa baía de São Marcos.

IX

Dois dias depois deste suicídio, a ilha do Livramento, árido promontório situado perto de Alcântara, em frente à citada baía de São Marcos, regurgitava alegremente de povo.

Verificava-se a festa de Nossa Senhora, e os fiéis afluíam, tanto da capital como de Alcântara, à velha ermida solitária.

Aureliano, alcantareense da gema e figura obrigada de todas as festas e romarias, compareceu também ao arraial, exibindo publicamente a sua personalidade, que se tornara escandalosa depois do adultério de Leopoldina.

No Maranhão as paredes não têm somente ouvidos, como diz o adágio: têm também olhos.

X

Conquanto o céu anunciasse próxima borrasca, Aureliano resolveu embarcar, ao escurecer, numa delgada canoa, em demanda de Alcântara, onde tencionava pernoitar. A empresa era, sem dúvida, temerária; mas lá, na colina escura que se refletia vagamente nas águas negras da baía, esperavam-no os braços roliços e nióbicos da viúva do doido.

Embarcou.

Acompanhava-o apenas um remador, que desde pela manhã tomara a seu serviço.

XI

Em meio da viagem soprou de súbito rígido nordeste; e o mar, que até então se conservara plácido e próspero, encapelou-se raivoso. Em três minutos as ondas esbravejavam já terrivelmente; e a canoa, erguida a grande altura e de novo arremessada ao pélagos, num estardalhaço de vagas, recebia no bojo quantidade de água suficiente para metê-la a pique.

— Cada um cuide de si! — bradou o remador, atirando-se ao mar, e oferecendo combate heroico à impetuosidade das ondas. Nadava como Leandro.

Aureliano viu-se desamparado. A canoa mergulhava. Ele não sabia nadar, o desgraçado! Preparou-se para morrer...

A embarcação submergiu-se completamente.

O naufrago agitava instintivamente os braços e as pernas, esperando talvez que o desespero lhe ensinasse milagrosamente uma prenda que nunca aprendera.

Debalde!

Ele foi ao fundo, vertiginosamente. Voltou de novo à tona d'água, chamado à vida pelo seu sangue de moço. Bracejou... tentou bracejar... A sua mão encontrou alguma coisa fria... muito fria... que flutuava. Agarrou-se a esse objeto salvador... boiou muito tempo com ele... e com ele foi finalmente arremessado à praia...

XII

O cadáver de Raimundo salvara Aureliano.



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Júlio França e
Oscar Nestarez

Pesquisa: Ana Giulia Mussury,
Ana Resende e Magda Oliveira

Preparação e revisão de texto:
Ana Paula dos Santos, Daniel
Augusto P. Silva e Laura Cardoso

Design gráfico: Renata Luz

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

